

A construção do ser velho e do ser jovem



Por Carla Carolina de Jesus Souza

Sentir-se velho ou 'jovem' molda a maneira como cada um se vê no mundo e como se relaciona com a coletividade. Mais do que uma etapa do desenvolvimento biológico tanto a noção de juventude, quanto a de velhice, envolvem o conceito de identidade, em suas duas faces: a identidade pessoal e a identidade social. Mas, uma não existe sem a outra e, assim, analisar a construção de identidades, envolve compreender que há um jogo dialético entre elas.

No caso da identidade etária, a característica fundamental seria a idade cronológica, porém, se identificar como velho ou jovem está para além desse fator "natural", pois a identidade carrega uma série de demandas que determinam o papel do velho e do jovem na sociedade. O termo velho é visto como estigma - velho seria o inutilizável? o que está desgastado?

Considerar-se mais velho ou mais jovem pode ser um 'modo' de se afirmar como um indivíduo que possui características singulares, considerando que algumas se sobressaem de forma marcante e promovem a identificação com um grupo com as mesmas características.

Seria a utilização do termo 'idoso', a solução para acabar com o estigma de inutilidade e dar uma nova conotação a essa fase da vida? Mas, o termo velho fica extinto da fala cotidiana, quando se usa um ou outro? Quais as representações geradas a partir dessas atribuições?

Com o propósito de analisar como esses termos são utilizados, analisamos o blog "[Quem velha, eu?](#)" da paulistana Yara Schechtmann, que na apresentação sobre os motivos de criação da página virtual afirma "sou uma jovem de quase 75 anos". Yara parece compreender que está passando por uma etapa da vida que possui especificidades, assim como todas as outras, e por isso, seu intuito é "passar o exemplo para outros jovens acima de 60, assim como eu". A

proposta deste artigo é dialogar com Yara e compreender o que envolve as escolhas e usos para os termos velho e jovem e ainda entender essa vivência, considerando o contexto social ao qual ela está inserida.

O ser jovem/velho: a patologização da velhice

A separação das categorias etárias é uma consequência da modernidade, pois na era industrial foi necessário se pensar como reagrupar as pessoas em lugares e funções e neste contexto, entre os séculos XIX e XX, surge a noção de velhice. Este tema foi debatido com mais ênfase pela medicina, que ao estudar o corpo velho, o descreveu como um estado fisiológico de degeneração.

A aposentadoria dos trabalhadores decorrente das leis trabalhistas, gradualmente implantadas, tornou-os cidadãos de direitos, mas, por outro lado, marcavam esse grupo com o status de improdutividade - um peso para a sociedade capitalista. Contudo, o marketing encontrou uma “brecha” ao transformar os “improdutivos” em novos consumidores, incentivando a ideia da “velhice ativa”.

A velhice, antes considerada um período infrutífero, contemplava o termo idoso, mais ‘respeitoso no imaginário cultural. A instauração do conceito de ‘terceira idade’ tenta combater os estigmas da velhice, e busca promover este período da vida como uma fase de descanso, busca pelo potencial inalcançado na juventude, entre outras possibilidades. Essa perspectiva marca uma nova possibilidade mercadológica – a terceira idade - o ‘idoso’ que consome viagens, passeios, cursos, tratamentos estéticos, e outros. Sobre a troca do termo velho para idoso, afirma Silva (2008, p. 163) que:

O termo ‘velho’ estava fortemente associado aos sinais de decadência física e incapacidade produtiva, sendo utilizado para designar, de modo pejorativo, sobretudo os velhos pobres. A partir da década de 60 o termo começa a desaparecer da redação dos documentos oficiais franceses, que passam a substituí-lo por ‘idoso’, menos estereotipado. Ao mesmo tempo, o estilo de vida das camadas médias começa a se disseminar para todas as classes de aposentados, que passam a assimilar as imagens de uma velhice associada à arte do bem viver. Surge o termo ‘terceira idade’ que torna pública, estabiliza e legitima a nova sensibilidade investida sobre os jovens e respeitados aposentados. Parece claro a contribuição decisiva dessa nova denominação para criação e difusão de uma nova e positiva imagem da velhice.

Porém, apesar da adição desse novo termo e, conseqüentemente, da nova significação dada ao indivíduo que está no período da velhice, a concepção antiga (do ser velho) permaneceu no campo de significação social, como é expresso no blog “*Quem velha, eu?*”.

Em uma das postagens de Yara com o título: *A ciência ainda não conseguiu curar a velhice* – entende-se a velhice como uma patologia a qual deve ser ‘tratada’ e combatida, posição inicial da medicina. Contudo, ao longo do texto Yara demonstra como a velhice reserva coisas boas e que, por mais que os especialistas tentem “prevenir o envelhecimento”, esta é uma realidade da qual não podemos fugir.

Ela ressalta que “todos envelhecemos”, e brinca: “só sei de uma árvore que nunca envelhece, o Jequitibá. Ou a ovelha Dolly, que já nasce com genoma de velho. Não dá para sonhar com a eterna juventude”.

Percebe-se, assim, uma incongruência entre aquilo que o título informa: velhice a ser ‘curada - como uma doença - e o que de fato Yara percebe nessa fase da vida. Fica claro, deste modo, que a construção social da velhice como algo ruim, que precisa ser evitado, marca o ‘discurso’ sobre o envelhecimento e que se desmente na vivência de Yara, pois uma coisa é o que se ‘diz’ sobre a velhice e os velhos e outra é o que eles mesmos dizem de si.

A blogueira compreende essa fase da vida na perspectiva da “velhice ativa”, pois em outras publicações ela discorre sobre qualidade de vida, a descoberta do teatro, a sua retomada à natação, etc. e como essas experiências são agradáveis. Mesmo assim, sua fala é marcada com o significado do estigma social que marca a velhice ao se intitular como uma “jovem de 75 anos”.

As classificações parecem obedecer à lógica dos próprios termos, pois se o indivíduo que passa pela juventude é chamado de jovem, aquele que passa pela velhice poderia ser chamado de velho, porém, na dinâmica social estes termos ganham vida de tal maneira que, como já foi exposto, o velho pode ser entendido de forma tão negativa que em muitos contextos é até usado como ofensa.

Não seria o momento de reatualizar o uso destes termos e conectar a eles a experiência da velhice, como vivida hoje? Ou talvez isto não seja possível, e o termo idoso seria o melhor entendimento para o que é vivido na contemporaneidade? Essas respostas estão no limite entre o subjetivo - da experiência pessoal e de significação de cada um - e objetivo - o mundo concretamente colocado e organizado da forma como aparece. Nessa intersecção o indivíduo poderia refletir sobre a construção social que perpassa seu campo de significados e influem sua visão de mundo.

Assim, a partir dessa análise perceber a contradição entre aquilo que é vivido e falado, pois pode haver nesses dois polos, assim como acontece com Yara, uma dissonância, pois o que ela escreve mais parece reproduzir o discurso do velho como o inutilizado, mas a sua vivência na velhice mostra como estes estereótipos são uma falácia.

Yara afirma que “[...] a velhice não é tão dramática, esperando o anjo da morte. Ainda sentimos o prazer de abraçar, fazer um namastê, cantar aquela música

do Chico.” Ela também compreende seu papel de deixar um legado a outras gerações “Meus netos me chamam de vovó radical. Andei de bicicleta pelas praias de Los Angeles”.



Enfim, a velhice para ela é simplesmente uma fase boa, com muitos prazeres, apesar de estar ciente de seus problemas – presentes em todas as fases da vida. A incongruência se dá quando todos esses sentidos da vivência de Yara parecem “perturbados”, devido ao fato de que no meio social a sua velhice é taxada negativa - parece que sua experiência, por si só, seja impotente para romper com um imaginário cultural consolidado. Por isso, ela se vale do “retorno a juventude”, apesar de compreender que esse retorno concreto é impossível, mas precisa fazê-lo de forma simbólica através do termo jovem, para afirmar sua vivacidade e experiência atual.

Cabe, portanto, refletir que a linguagem possui significantes preenchidos com os significados individuais, permeados pela vivência social e produzidos em um contexto específico. Devemos nos preocupar como esse contexto impacta a identificação singular de cada sujeito, para que ele possa romper com as lacunas entre ser velho/jovem e dar vazão àquilo que vive, não importa com que idade.

Referências

BLOG *Quem velha, eu?* Disponível em:
<https://yaraschechtmann.wordpress.com/tag/velhice/>

FERRIGNO, C.J. A identidade do jovem e a identidade do velho: questões contemporâneas. In *Velhices reflexões contemporâneas*. São Paulo: Sesc, 2006, p. 11-23.

SILVA, F.R.L. História, Ciência e Saúde, Da velhice à terceira idade: o percurso histórico das identidades atreladas ao processo de envelhecimento. *Manguinhos*, v. 15, n. 1, p. 155-168, jan.-mar. 2008.

Data de recebimento: 05/12/2017; Data de aceite: 22/03/2018.

Carla Carolina de Jesus Souza - Estudante de Psicologia da PUC. Texto apresentado na disciplina eletiva do curso de Psicologia da PUC-SP - "Escutas virtuais da longevidade: vozes dos 60+ inscritas nas redes sociais", ministrada pelas professoras Beltrina Côrte e Ruth. C. Lopes, segundo semestre de 2017. E-mail: carlacarolinadejesus@gmail.com